

REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração: Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL
End. telegr. Talha - Lisboa - Telefones: 111, 112, 113
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATAHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O problema máximo

O problema máximo, aquele que absorve todas as atenções, pelo menos as dos indivíduos que não vivem do exercício da exploração sobre os seus semelhantes, é o problema da vida cara.

É ele o problema mais transcendente da actual hora, porque a sua persistência e a sua tendência para agravar-se não de reflectir-se poderosamente e funestamente sobre os direitos adquiridos e sobre os seus semelhantes, é o problema da vida cara.

Hoje mesmo já não é só o problema da vida cara que põe uma nota obscuradora no pensamento dos que trabalham. É também o da escassez dos géneros e produtos necessários à existência do homem, pois a perfidia dum classe, detentora dos mais criminosos privilégios, põe em prática um maquiavélico plano, cuja finalidade é a mais completa escravização do proletariado.

Por um optimismo exagerado poderá pretender-se impossível um tal regresso, mas se se prestar um pouco de atenção ao que passa em volta de nós, ver-se-á, sem cair nos barrancos do pessimismo, que no fundo tudo quanto havia de verdadeiro nas liberdades conquistadas por nós avós está hoje completamente sofismado, pois essas liberdades estão por tal forma condicionadas por leis e decretos, e as mais das vezes à mercê do arbitrio dos políticos e dos seus agentes policiais e jurídicos, que bem podem dizer-se que não existem.

Mas não é só pela influência da opressiva dos governos que essa escravização se tornará possível. A base da sua vitória sobre a resistência, que lhe reduziu, consoante os infames interesses dos seus senhores, a sua alimentação, sem dúvida permitiu que lhe reduzissem os seus direitos e a sua liberdade, a doses quase infinitesimais, se isso aproveitasse aos que a tiranizam e exploram.

É para uma tam vergonhosa situação que caminhamos a passos agigantados, sem que se tente da parte da multidão um energico combate contra os processos vandálicos dos gananciosos e assemblageiros, que vão reduzindo a uma grande parte da população do país a um numeroso bando de tuberculosos e eunuocos, uns em energia física para esmagar os seus assassinos, e outros física e moralmente propensos para aceitar e até colaborar com os mais repugnantes baixezas.

Sim, desprezar cada um dos outros problemas que interessam ao desenvolvimento deste agregado humano, algo parecido com um rancho, encafiado nas estreitas fronteiras da nação, é necessário que todas as atenções sejam postas sobre o problema máximo, que é o viver difícil e caro que o povo vem sofrendo, procurando organizar uma resistência eficaz, de modo a que os desastrosos efeitos da ganância e do assambramento, juntos às consequências da tirania política, não consumam a reversa obra dos reacçãoários inimigos da liberdade humana.

Ha outro problema muito superior a toda solução poria ponto final a uma série de problemas que preocupam os espiritos, mas esse — o do estabelecimento dum sociedade mais perfeita — ainda não interessa a valer a grande massa popular, que poderá ser atastada para a sua solução pela acção do capitalismo, pois que estas coisas de lutas sociais há sempre muito de imprevisto, paizinho, por vezes, não desencadeiam as paixões populares, uma tal vivência sobre as necessidades mais urgentes para a vitória.

Nas grandes convulsões sociais em que a alma do povo vibra acatada pelo despotismo dos poderosos, nascem, por assim dizer, novas e mais práticas formas para basear a sociedade; a obra dos filósofos e dos propagandistas é corrigida e até ultrapassada pela acção do povo, que por momentos vê claro e avança para a realização do grande ideal libertador, mas, como o resultado da sua acção tem sido sempre colhido pelos velhos que habilmente o iludem, dando um rumo inteiramente oposto a aquele que se visava, a questão da liberdade e da felicidade humana é um problema que se mantém ainda sem solução, apesar de tantas lutas, apesar de tanto sangue derramado para atingir esse desiderato, única solução que dará aos homens a vida livre e feliz a que tem direito.

Porém, enquanto esse momento solene não chega, é preciso não descurar nenhuma das outras questões que interessam à vida dos que trabalham, pois que isso equivale a ir desobstruindo o caminho para a conquista do ideal supremo.

O problema máximo nesta hora angustiosa é o da carestia da vida.

ERROS A COMBATER SEJAMOS CONSEQUENTES!

Reclamar é assás legítimos e é humano
Servir os interesses do patronato — não!

Há dois dias trouxe-nos o nosso informador da câmara municipal, entre outras, a seguinte nota:

O pessoal dos escritórios da Sociedade das Companhias Reunidas Gás e Electricidade entregou na câmara municipal uma representação em que pede se autorize o aumento do preço da energia eléctrica, conforme solicitara aquela companhia, a fim de lhe poder elevar os seus vencimentos.

A despeito de estarmos assistindo diariamente à prática de actos os mais incongruentes que podem conceber-se, muitos deles não apenas postos em foco pela classe capitalista, mas — o que é pior — por criaturas que formam na classe que trabalha; apesar disso, a nota acima reproduzida impressionou-nos desagradavelmente, porque o pessoal a quem ela se refere vem de dar uma trieste prova da sua consciência.

Se, no nosso critério de trabalhadores, compreendemos que os salarizados não ganham o suficiente para manter-se, qualquer que seja a profissão que desempenham na sociedade, desde que seja útil, tem todo o direito a reclamar do patronato melhoria de situação, inuando para isso, se necessário for, até a greve, não podemos achar todavia razoável que a esse patronato, ou a quem com ele está ligado por virtude de quaisquer contratos, se peça, como o fez, junto da câmara, o pessoal dos escritórios da Companhia do Gás, autorização para ser aumentado um artigo de consumo público.

Entendemos que se aquele pessoal não ganha o suficiente, e não duvidamos que assim suceda, devia limitar-se a apresentar a sua reclamação, não à câmara, com a qual directamente nada tem, mas à direcção da companhia. E se qualquer indicação houvesse por bem dar-lhe seria a de que não achava justo que enquanto um empregado de escritório ganha 10, haja membros da administração que ganham 100, alguns deles, senão todos, sem darem uma hora de esforço diário, enquanto cada um dos empregados dá, pelo menos, sete, se a lei é cumprida, porque no caso contrário dá mais.

Proceder, porém, nas condições atribuídas ao pessoal dos escritórios da Companhia do Gás é servir os interesses da mesma companhia, é auxiliar-lhe as pretensões que alimenta de agravar ainda mais um artigo que já está caríssimo, tudo isto em manifesto prejuizo do consumidor, o qual não poderá ver com simpatia que aqueles empregados façam tal estranho pedido.

Mas infelizmente nem só o pessoal dos escritórios da Companhia do Gás vem de proceder tal tristemente, porque no preciso momento em que iam concluir o presente artigo cala-nos sobre a nossa secretária uma nota com o carimbo da Associação dos Operários da Companhia das Águas em que se notifica que uma comissão de operários e empregados daquela companhia entrevistou o chefe de gabinete do ministro do comércio para lhe entregar uma representação pedindo aumento de salário, o que está bem, acrescentando-se, porém, e isto é que é lastimável, que para que as reclamações sejam atendidas é necessário que o governo autorize o aumento do preço da água — o que é de justiça, diz-se naquela nota.

Então para revelar uma atitude destas que reparece a Associação do Pessoal da Companhia das Águas, que a Associação de Classe da Construção Civil do Seixal comunica-nos que na sua última assembleia geral foi votado um protesto unânime contra a censura à imprensa, especialmente à Bataha, e também contra as perseguições de que temos sido vítima.

Esta continua a ser a verdade, por muito que pese a qualquer que pretenda dizer que não é assim.

Estaremos sujeitos a este regime até que o sr. Granjo resolva legislar em contrário.

A Associação de Classe da Construção Civil do Seixal comunica-nos que na sua última assembleia geral foi votado um protesto unânime contra a censura à imprensa, especialmente à Bataha, e também contra as perseguições de que temos sido vítima.

A Associação de Classe da Construção Civil do Seixal comunica-nos que na sua última assembleia geral foi votado um protesto unânime contra a censura à imprensa, especialmente à Bataha, e também contra as perseguições de que temos sido vítima.

A Associação de Classe da Construção Civil do Seixal comunica-nos que na sua última assembleia geral foi votado um protesto unânime contra a censura à imprensa, especialmente à Bataha, e também contra as perseguições de que temos sido vítima.

A Associação de Classe da Construção Civil do Seixal comunica-nos que na sua última assembleia geral foi votado um protesto unânime contra a censura à imprensa, especialmente à Bataha, e também contra as perseguições de que temos sido vítima.

A Associação de Classe da Construção Civil do Seixal comunica-nos que na sua última assembleia geral foi votado um protesto unânime contra a censura à imprensa, especialmente à Bataha, e também contra as perseguições de que temos sido vítima.

A Associação de Classe da Construção Civil do Seixal comunica-nos que na sua última assembleia geral foi votado um protesto unânime contra a censura à imprensa, especialmente à Bataha, e também contra as perseguições de que temos sido vítima.

A Associação de Classe da Construção Civil do Seixal comunica-nos que na sua última assembleia geral foi votado um protesto unânime contra a censura à imprensa, especialmente à Bataha, e também contra as perseguições de que temos sido vítima.

A Associação de Classe da Construção Civil do Seixal comunica-nos que na sua última assembleia geral foi votado um protesto unânime contra a censura à imprensa, especialmente à Bataha, e também contra as perseguições de que temos sido vítima.

A Associação de Classe da Construção Civil do Seixal comunica-nos que na sua última assembleia geral foi votado um protesto unânime contra a censura à imprensa, especialmente à Bataha, e também contra as perseguições de que temos sido vítima.

A Associação de Classe da Construção Civil do Seixal comunica-nos que na sua última assembleia geral foi votado um protesto unânime contra a censura à imprensa, especialmente à Bataha, e também contra as perseguições de que temos sido vítima.

A Associação de Classe da Construção Civil do Seixal comunica-nos que na sua última assembleia geral foi votado um protesto unânime contra a censura à imprensa, especialmente à Bataha, e também contra as perseguições de que temos sido vítima.

A Associação de Classe da Construção Civil do Seixal comunica-nos que na sua última assembleia geral foi votado um protesto unânime contra a censura à imprensa, especialmente à Bataha, e também contra as perseguições de que temos sido vítima.

A Associação de Classe da Construção Civil do Seixal comunica-nos que na sua última assembleia geral foi votado um protesto unânime contra a censura à imprensa, especialmente à Bataha, e também contra as perseguições de que temos sido vítima.

A Associação de Classe da Construção Civil do Seixal comunica-nos que na sua última assembleia geral foi votado um protesto unânime contra a censura à imprensa, especialmente à Bataha, e também contra as perseguições de que temos sido vítima.

A Associação de Classe da Construção Civil do Seixal comunica-nos que na sua última assembleia geral foi votado um protesto unânime contra a censura à imprensa, especialmente à Bataha, e também contra as perseguições de que temos sido vítima.

A Associação de Classe da Construção Civil do Seixal comunica-nos que na sua última assembleia geral foi votado um protesto unânime contra a censura à imprensa, especialmente à Bataha, e também contra as perseguições de que temos sido vítima.

A Associação de Classe da Construção Civil do Seixal comunica-nos que na sua última assembleia geral foi votado um protesto unânime contra a censura à imprensa, especialmente à Bataha, e também contra as perseguições de que temos sido vítima.

A Associação de Classe da Construção Civil do Seixal comunica-nos que na sua última assembleia geral foi votado um protesto unânime contra a censura à imprensa, especialmente à Bataha, e também contra as perseguições de que temos sido vítima.

A Associação de Classe da Construção Civil do Seixal comunica-nos que na sua última assembleia geral foi votado um protesto unânime contra a censura à imprensa, especialmente à Bataha, e também contra as perseguições de que temos sido vítima.

A Associação de Classe da Construção Civil do Seixal comunica-nos que na sua última assembleia geral foi votado um protesto unânime contra a censura à imprensa, especialmente à Bataha, e também contra as perseguições de que temos sido vítima.

NOTAS & COMENTARIOS DA VIDA QUE PASSA

UM VENCIDO...

A câmara resolve...

A câmara municipal parece que não tem nada que fazer.

«A que serviços exiguos, extraordinários se há de a câmara entregar, para justificação da sua existência? «Cuidar de um serviço de higiene pública? Não, isso pouca importância tem. «Mandar edificar hospitais? Não. Os doentes que se tratam em casa. «Examinar atentamente as manobras da Companhia Carris? Nada disso ainda. «Contribuir para que a vida não suba? Ninguém, ninguém. «A câmara pensa, pensa muito. Consulta Niziche e lê a Bíblia, olha as estrelas e esgarava no nariz. Pensa sempre.

Por fim levanta a voz, uma voz potente, que atoa os ares, e diz: «Aumentem-se em 100 % a viação eléctrica!

Calam-se em seguida, emmudece. O povo, é claro, protesta e a câmara murmura: Deixá-lo protestar... E pensa, com o dedo no nariz.

Subitamente a sua voz ecoa de novo: «Transformem-se S. Pedro de Alcântara em café-concerto!

E calam-se novamente, durante dois, três dias. De repente, eis que a sua voz anuncia uma decisão:

«Substituam-se as armas de Lisboa, que são talassas, pelas de S. Francisco...

Repete-se o silêncio por algum tempo. Depois outro berro tremendo: «Que se cortem as árvores do Rosiol...

E assim se faz administração.

A tortura Não há carvão, não há azeite, não há dinheiro...

Euzébio não ouvia dizer outra coisa à mulher enquanto estivera em casa. Resolveu, sair, para se ver livre da cegareira. Pelo caminho encontrou vários amigos, ou melhor, encontrou vários aborrecimentos. Um falava-lhe na falta do açúcar, aquele na de brio. Euzébio, coitado, tomou outra resolução — voltar a casa. Era noite já. Deitar-se-ia e devia dormir, sonhar talvez com muito azeite, banha, feijão, carvão, etc.

Porém, ao entrar em casa tropeçou numa cadeira. A companhia ainda não acendera a luz.

«Acende lá isso! — exclamou Euzébio, de mau humor, esfregando as canelãs esfoladas.

«Não há fósforos — respondeu-lhe a consorte...

Uns alhos... Imagine-se que isto está tam tremido que um simples telegrama notificando a greve dum classe é motivo para a censura telegráfica meter o estúpido e injustificado bedelho, não deixando seguir ao seu destino uma notícia que, no correio seguinte, é dada com o maior desenvolvimento. Vem bem e vêem longe os tais censores...

Agora foram dois telegramas de Evora, um da Associação Corticeira e outro do nosso correspondente daquela cidade, os quais não foram entregues, não fosse o seu inofensivo texto provocar o terrível incêndio bolchevista.

Muito inteligente é a censura telegráfica! Se ela fosse só inteligente, vá lá. Mas o que é mais feio é ficar o Estado com os cobres que recebe por um serviço que não executa.

E não há de haver vigaristas! Se é o Estado que dá o exemplo!

Creio que por esta forma ficou anulada a falsa notícia vinda o publico por aquele jornal e ainda derrotada a malvosa intenção de quem quer ocupar-se dos fins ou propósitos que tivessem presidido à confecção dessa notícia, absolutamente fantástica, venho por este meio p. dir a v. ex. a fim de que no seu jornal desmentir essa informação. — De V. ex. At. Vend. — (assinado) Fernando Cortez Pizarro, Presidente da Direcção do Núcleo Regional de Lisboa das Juventudes Monárquicas Conservadoras.

Creio que por esta forma ficou anulada a falsa notícia vinda o publico por aquele jornal e ainda derrotada a malvosa intenção de quem quer ocupar-se dos fins ou propósitos que tivessem presidido à confecção dessa notícia, absolutamente fantástica, venho por este meio p. dir a v. ex. a fim de que no seu jornal desmentir essa informação. — De V. ex. At. Vend. — (assinado) Fernando Cortez Pizarro, Presidente da Direcção do Núcleo Regional de Lisboa das Juventudes Monárquicas Conservadoras.

Creio que por esta forma ficou anulada a falsa notícia vinda o publico por aquele jornal e ainda derrotada a malvosa intenção de quem quer ocupar-se dos fins ou propósitos que tivessem presidido à confecção dessa notícia, absolutamente fantástica, venho por este meio p. dir a v. ex. a fim de que no seu jornal desmentir essa informação. — De V. ex. At. Vend. — (assinado) Fernando Cortez Pizarro, Presidente da Direcção do Núcleo Regional de Lisboa das Juventudes Monárquicas Conservadoras.

Creio que por esta forma ficou anulada a falsa notícia vinda o publico por aquele jornal e ainda derrotada a malvosa intenção de quem quer ocupar-se dos fins ou propósitos que tivessem presidido à confecção dessa notícia, absolutamente fantástica, venho por este meio p. dir a v. ex. a fim de que no seu jornal desmentir essa informação. — De V. ex. At. Vend. — (assinado) Fernando Cortez Pizarro, Presidente da Direcção do Núcleo Regional de Lisboa das Juventudes Monárquicas Conservadoras.

Creio que por esta forma ficou anulada a falsa notícia vinda o publico por aquele jornal e ainda derrotada a malvosa intenção de quem quer ocupar-se dos fins ou propósitos que tivessem presidido à confecção dessa notícia, absolutamente fantástica, venho por este meio p. dir a v. ex. a fim de que no seu jornal desmentir essa informação. — De V. ex. At. Vend. — (assinado) Fernando Cortez Pizarro, Presidente da Direcção do Núcleo Regional de Lisboa das Juventudes Monárquicas Conservadoras.

Creio que por esta forma ficou anulada a falsa notícia vinda o publico por aquele jornal e ainda derrotada a malvosa intenção de quem quer ocupar-se dos fins ou propósitos que tivessem presidido à confecção dessa notícia, absolutamente fantástica, venho por este meio p. dir a v. ex. a fim de que no seu jornal desmentir essa informação. — De V. ex. At. Vend. — (assinado) Fernando Cortez Pizarro, Presidente da Direcção do Núcleo Regional de Lisboa das Juventudes Monárquicas Conservadoras.

Creio que por esta forma ficou anulada a falsa notícia vinda o publico por aquele jornal e ainda derrotada a malvosa intenção de quem quer ocupar-se dos fins ou propósitos que tivessem presidido à confecção dessa notícia, absolutamente fantástica, venho por este meio p. dir a v. ex. a fim de que no seu jornal desmentir essa informação. — De V. ex. At. Vend. — (assinado) Fernando Cortez Pizarro, Presidente da Direcção do Núcleo Regional de Lisboa das Juventudes Monárquicas Conservadoras.

Creio que por esta forma ficou anulada a falsa notícia vinda o publico por aquele jornal e ainda derrotada a malvosa intenção de quem quer ocupar-se dos fins ou propósitos que tivessem presidido à confecção dessa notícia, absolutamente fantástica, venho por este meio p. dir a v. ex. a fim de que no seu jornal desmentir essa informação. — De V. ex. At. Vend. — (assinado) Fernando Cortez Pizarro, Presidente da Direcção do Núcleo Regional de Lisboa das Juventudes Monárquicas Conservadoras.

Creio que por esta forma ficou anulada a falsa notícia vinda o publico por aquele jornal e ainda derrotada a malvosa intenção de quem quer ocupar-se dos fins ou propósitos que tivessem presidido à confecção dessa notícia, absolutamente fantástica, venho por este meio p. dir a v. ex. a fim de que no seu jornal desmentir essa informação. — De V. ex. At. Vend. — (assinado) Fernando Cortez Pizarro, Presidente da Direcção do Núcleo Regional de Lisboa das Juventudes Monárquicas Conservadoras.

Creio que por esta forma ficou anulada a falsa notícia vinda o publico por aquele jornal e ainda derrotada a malvosa intenção de quem quer ocupar-se dos fins ou propósitos que tivessem presidido à confecção dessa notícia, absolutamente fantástica, venho por este meio p. dir a v. ex. a fim de que no seu jornal desmentir essa informação. — De V. ex. At. Vend. — (assinado) Fernando Cortez Pizarro, Presidente da Direcção do Núcleo Regional de Lisboa das Juventudes Monárquicas Conservadoras.

Creio que por esta forma ficou anulada a falsa notícia vinda o publico por aquele jornal e ainda derrotada a malvosa intenção de quem quer ocupar-se dos fins ou propósitos que tivessem presidido à confecção dessa notícia, absolutamente fantástica, venho por este meio p. dir a v. ex. a fim de que no seu jornal desmentir essa informação. — De V. ex. At. Vend. — (assinado) Fernando Cortez Pizarro, Presidente da Direcção do Núcleo Regional de Lisboa das Juventudes Monárquicas Conservadoras.

Creio que por esta forma ficou anulada a falsa notícia vinda o publico por aquele jornal e ainda derrotada a malvosa intenção de quem quer ocupar-se dos fins ou propósitos que tivessem presidido à confecção dessa notícia, absolutamente fantástica, venho por este meio p. dir a v. ex. a fim de que no seu jornal desmentir essa informação. — De V. ex. At. Vend. — (assinado) Fernando Cortez Pizarro, Presidente da Direcção do Núcleo Regional de Lisboa das Juventudes Monárquicas Conservadoras.

Creio que por esta forma ficou anulada a falsa notícia vinda o publico por aquele jornal e ainda derrotada a malvosa intenção de quem quer ocupar-se dos fins ou propósitos que tivessem presidido à confecção dessa notícia, absolutamente fantástica, venho por este meio p. dir a v. ex. a fim de que no seu jornal desmentir essa informação. — De V. ex. At. Vend. — (assinado) Fernando Cortez Pizarro, Presidente da Direcção do Núcleo Regional de Lisboa das Juventudes Monárquicas Conservadoras.

Creio que por esta forma ficou anulada a falsa notícia vinda o publico por aquele jornal e ainda derrotada a malvosa intenção de quem quer ocupar-se dos fins ou propósitos que tivessem presidido à confecção dessa notícia, absolutamente fantástica, venho por este meio p. dir a v. ex. a fim de que no seu jornal desmentir essa informação. — De V. ex. At. Vend. — (assinado) Fernando Cortez Pizarro, Presidente da Direcção do Núcleo Regional de Lisboa das Juventudes Monárquicas Conservadoras.

Creio que por esta forma ficou anulada a falsa notícia vinda o publico por aquele jornal e ainda derrotada a malvosa intenção de quem quer ocupar-se dos fins ou propósitos que tivessem presidido à confecção dessa notícia, absolutamente fantástica, venho por este meio p. dir a v. ex. a fim de que no seu jornal desmentir essa informação. — De V. ex. At. Vend. — (assinado) Fernando Cortez Pizarro, Presidente da Direcção do Núcleo Regional de Lisboa das Juventudes Monárquicas Conservadoras.

Creio que por esta forma ficou anulada a falsa notícia vinda o publico por aquele jornal e ainda derrotada a malvosa intenção de quem quer ocupar-se dos fins ou propósitos que tivessem presidido à confecção dessa notícia, absolutamente fantástica, venho por este meio p. dir a v. ex. a fim de que no seu jornal desmentir essa informação. — De V. ex. At. Vend. — (assinado) Fernando Cortez Pizarro, Presidente da Direcção do Núcleo Regional de Lisboa das Juventudes Monárquicas Conservadoras.

Creio que por esta forma ficou anulada a falsa notícia vinda o publico por aquele jornal e ainda derrotada a malvosa intenção de quem quer ocupar-se dos fins ou propósitos que tivessem presidido à confecção dessa notícia, absolutamente fantástica, venho por este meio p. dir a v. ex. a fim de que no seu jornal desmentir essa informação. — De V. ex. At. Vend. — (assinado) Fernando Cortez Pizarro, Presidente da Direcção do Núcleo Regional de Lisboa das Juventudes Monárquicas Conservadoras.

Creio que por esta forma ficou anulada a falsa notícia vinda o publico por aquele jornal e ainda derrotada a malvosa intenção de quem quer ocupar-se dos fins ou propósitos que tivessem presidido à confecção dessa notícia, absolutamente fantástica, venho por este meio p. dir a v. ex. a fim de que no seu jornal desmentir essa informação. — De V. ex. At. Vend. — (assinado) Fernando Cortez Pizarro, Presidente da Direcção do Núcleo Regional de Lisboa das Juventudes Monárquicas Conservadoras.

Creio que por esta forma ficou anulada a falsa notícia vinda o publico por aquele jornal e ainda derrotada a malvosa intenção de quem quer ocupar-se dos fins ou propósitos que tivessem presidido à confecção dessa notícia, absolutamente fantástica, venho por este meio p. dir a v. ex. a fim de que no seu jornal desmentir essa informação. — De V. ex. At. Vend. — (assinado) Fernando Cortez Pizarro, Presidente da Direcção do Núcleo Regional de Lisboa das Juventudes Monárquicas Conservadoras.

Creio que por esta forma ficou anulada a falsa notícia vinda o publico por aquele jornal e ainda derrotada a malvosa intenção de quem quer ocupar-se dos fins ou propósitos que tivessem presidido à confecção dessa notícia, absolutamente fantástica, venho por este meio p. dir a v. ex. a fim de que no seu jornal desmentir essa informação. — De V. ex. At. Vend. — (assinado) Fernando Cortez Pizarro, Presidente da Direcção do Núcleo Regional de Lisboa das Juventudes Monárquicas Conservadoras.

Creio que por esta forma ficou anulada a falsa notícia vinda o publico por aquele jornal e ainda derrotada a malvosa intenção de quem quer ocupar-se dos fins ou propósitos que tivessem presidido à confecção dessa notícia, absolutamente fantástica, venho por este meio p. dir a v. ex. a fim de que no seu jornal desmentir essa informação. — De V. ex. At. Vend. — (assinado) Fernando Cortez Pizarro, Presidente da Direcção do Núcleo Regional de Lisboa das Juventudes Monárquicas Conservadoras.

Creio que por esta forma ficou anulada a falsa notícia vinda o publico por aquele jornal e ainda derrotada a malvosa intenção de quem quer ocupar-se dos fins ou propósitos que tivessem presidido à confecção dessa notícia, absolutamente fantástica, venho por este meio p. dir a v. ex. a fim de que no seu jornal desmentir essa informação. — De V. ex. At. Vend. — (assinado) Fernando Cortez Pizarro, Presidente da Direcção do Núcleo Regional de Lisboa das Juventudes Monárquicas Conservadoras.

Creio que por esta forma ficou anulada a falsa notícia vinda o publico por aquele jornal e ainda derrotada a malvosa intenção de quem quer ocupar-se dos fins ou propósitos que tivessem presidido à confecção dessa notícia, absolutamente fantástica, venho por este meio p. dir a v. ex. a fim de que no seu jornal desmentir essa informação. — De V. ex. At. Vend. — (assinado) Fernando Cortez Pizarro, Presidente da Direcção do Núcleo Regional de Lisboa das Juventudes Monárquicas Conservadoras.

DA VIDA QUE PASSA

UM VENCIDO...

—Homem! Tu não sejas tolo! Tu não tens olhos!...

Lá o ter tinha, porque era inteligente muito mais que a chusma de imbecis que ostentavam uns ares insolentes de triunfadores. Ele bem os via anafados e irónicos, despreocupados e rapaces, unicamente absorvidos em esprirear o momento em que o pudessem esfalear no seu orgulho de criatura honesta e trabalhadora. Ele bem os pressentia, rancorosos e despeitados, vencidos pela limpidez do seu carácter, e pela verticalidade da sua espinha. Deles esperava ele tudo, mas dos outros, dos que não se deixavam arrastar por esses preveros ambiciosos, é que estranhava, compungido, que eles também dissessem: —Homem! —Não sejas tolo! Tu não tens olhos!...

Era tudo a gritar-lhe a mesma frase, tudo a insinuar-lhe as mesmas palavras como conselho, como censura, como incentivo, como apelo...

Mas vinham à queima-roupa e recriminavam-no; retiravam-se a rir, e cortavam por fim as relações com ele. Outros aproximavam-se prudentemente, tomavam atitudes paternais, e então era fatal...

Lá saía a mesma frase, terrível e monotona como uma acusação, e vinham sempre, com uma diabólica persistência, alguns até com uma mimica, com uns esgaras tam equívocos, com umas palmadas nas costas tam significativas, que ele fugia muitas vezes com náuseas, horrorizado, com o coração partido.

Tinha nesses momentos a impressão dolorosa de que todo o género humano deixara de existir. Uma rajada de maldade arrazara tudo e o mundo era uma vasta planície sem casas, sem lareis, sem torres, sem florestas, sem horizonte, sem céu, sem nada, e só ele escapara, só ele ficara ainda de pé, para suportar nem sabia que inconcebíveis suplícios.

Nestas horas de uma tam amargurada ansiedade parecia-lhe até que o vento sibilava a mesma frase, a frase maldita que o perseguia como uma obsessão: —Homem! Tu não sejas tolo!... Tu não tens olhos!...

Esforçava-se por fugir a estes pensamentos, considerando-os derivados da perturbação nervosa adquirida nas fatigantes vigílias a que se entregava, mas pouco a pouco ele sentia bem que esta desolação que lhe invadia o espirito era verdadeira, porque dia a dia mais e mais se homiava de todas as convívências.

Esta misantropia ainda mais acirrava a sua dor, precipitando-o no tédio de viver, e os climos, os egoístas, todos tarados da preveridade humana, presentindo a sua vitória, já nada lhe diziam: abandonam-no a si próprio, e nas suas costas, sem que ele ouvisse murmuravam: —Vocs verão... Ele ainda há-de de

deixar de ser tolo, e não há-de demorar muito tempo...

A tortura do isolamento era cada vez mais forte, mais aniquiladora.

Um dia a companhia viu-o chorar, e arrancou-o à meditação com um grito de espanto. Habituada a conhecê-lo trabalhador e energético, não o supunha capaz dum desfalecimento, e procurou-o animá-lo envolvendo-o em meiguices interrogadoras.

Ele confessou os seus terrores. Descreveu-lhe a hostilidade muda das coisas, que se uniam, numa tática conspiração, para o precipitarem do alto da sua honestidade, e quando se deixava abandonar às carícias da esposa, quando procurava nelas a força para resistir a novos combates, foi a própria companhia, a sua maior amiga, o seu maior escudo, que lhe cidiu por entre um beijo: —Mas afinal tu és uma criança!...

E, junto ao ouvido, envolvendo-lhe a cabeça com os braços nus: —Homem! —Não sejas tolo! Tu não tens olhos!...

Foi o golpe mortal. As carícias, aquela frase quente batejada ao ouvido, e aqueles braços nus, como a serpente do pecado, sacudiram-no num estrecho momento nervoso, e levantou-se de repelão, enérgico, decidido a tudo, a não se deixar morrer, a lutar como os outros.

Sim, era isso. A vida é o movimento. Parar é morrer, e ele parara. Não quizera seguir a corrente, pelo menos aquela que nem regato chegava a ser, pois que era um mar lodoso.

—Mas haveria outra? E, se houvesse, não morreria de desespero antes de a descobrir? Quem lhe avaliaria o heroísmo? Quem? Se todos marchavam na corrente, se ninguém se detinha a olhar para trás, se todos os empurravam com pressa de chegar?

Não seria a própria podridão a lei da vida? Ele sentia que não; mas a grande, a imensa maioria obrigava-o a dizer que sim. Como conceber o contrário?

Não via ele como pensando doutra maneira se afastava da vida?

A não ser que fossem os outros os afastados. Era possível, mas eles viviam, ele é que não alcançaria existir. As gargalhadas, ou o silêncio, qualquer das coisas, o material num isolamento terrificante.

Estava decidido, viveria. Sentia-se mais forte agora, mais sereno...

Se te tivesse diante de si um espelho recuaria espantado do íris feroz que lhe velava o rosto. Mas ele nem se lembrou deste detalhe, nem talvez mesmo se visse tal qual estava. Perdera a noção da visão de si próprio. Precipitouse. Seguiu-se.

Já ninguém hoje tem dúvidas, porque todo o mundo agora, quando se refere a ele, é só para vociferar: —Ah!... Não se dêem com ele!... Que grande pulha!...

Eduardo FRIAS.

sequer um agente policial esteve na sede da associação que dirigiu durante-se do assunto, é sem também querer ocupar-se dos fins ou propósitos que tivessem presidido à confecção dessa notícia, absolutamente fantástica, venho por este meio p. dir a v. ex. a fim de que no seu jornal desmentir essa informação. — De V. ex. At. Vend. — (assinado) Fernando Cortez Pizarro, Presidente da Direcção do Núcleo Regional de Lisboa das Juventudes Monárquicas Conservadoras.

A BATALHA

NA PROVÍNCIA
E NOS ARREDORES

OIMBRA, 24.

A Batalha da vida—Saraú—Movimento

operário—Os chauffeurs

A vida está tremendo, nesta

cidade, um aspecto verdadeiramente

revolucionário. A situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

revolucionária, a situação é

Aveiro, 26

Subsistências, etc.—Propaganda sindicalista

Aqui dão-se casos verdadeiramente

fantásticos! Não há azulejo, nem

pedra, nem tijolo, nem coisa que

não esteja a ser atacada por

um grupo de operários, que

estão a fazer uma obra de

arte, uma obra de arte, uma

obra de arte, uma obra de arte,

uma obra de arte, uma obra de

arte, uma obra de arte, uma obra

de arte, uma obra de arte, uma

obra de arte, uma obra de arte,

uma obra de arte, uma obra de

arte, uma obra de arte, uma obra

de arte, uma obra de arte, uma

obra de arte, uma obra de arte,

uma obra de arte, uma obra de

arte, uma obra de arte, uma obra

de arte, uma obra de arte, uma

obra de arte, uma obra de arte,

uma obra de arte, uma obra de

arte, uma obra de arte, uma obra

de arte, uma obra de arte, uma

obra de arte, uma obra de arte,

uma obra de arte, uma obra de

arte, uma obra de arte, uma obra

de arte, uma obra de arte, uma

obra de arte, uma obra de arte,

uma obra de arte, uma obra de

arte, uma obra de arte, uma obra

de arte, uma obra de arte, uma

obra de arte, uma obra de arte,

uma obra de arte, uma obra de

arte, uma obra de arte, uma obra

de arte, uma obra de arte, uma

obra de arte, uma obra de arte,

uma obra de arte, uma obra de

arte, uma obra de arte, uma obra

de arte, uma obra de arte, uma

obra de arte, uma obra de arte,

uma obra de arte, uma obra de

arte, uma obra de arte, uma obra

de arte, uma obra de arte, uma

obra de arte, uma obra de arte,

uma obra de arte, uma obra de

arte, uma obra de arte, uma obra

de arte, uma obra de arte, uma

obra de arte, uma obra de arte,

uma obra de arte, uma obra de

arte, uma obra de arte, uma obra

de arte, uma obra de arte, uma

obra de arte, uma obra de arte,

uma obra de arte, uma obra de

arte, uma obra de arte, uma obra

de arte, uma obra de arte, uma

obra de arte, uma obra de arte,

uma obra de arte, uma obra de

arte, uma obra de arte, uma obra

de arte, uma obra de arte, uma

obra de arte, uma obra de arte,

uma obra de arte, uma obra de

arte, uma obra de arte, uma obra

de arte, uma obra de arte, uma

obra de arte, uma obra de arte,

uma obra de arte, uma obra de

arte, uma obra de arte, uma obra

de arte, uma obra de arte, uma

obra de arte, uma obra de arte,

uma obra de arte, uma obra de

arte, uma obra de arte, uma obra

de arte, uma obra de arte, uma

obra de arte, uma obra de arte,

uma obra de arte, uma obra de

arte, uma obra de arte, uma obra

de arte, uma obra de arte, uma

obra de arte, uma obra de arte,

uma obra de arte, uma obra de

arte, uma obra de arte, uma obra

de arte, uma obra de arte, uma

obra de arte, uma obra de arte,

uma obra de arte, uma obra de

arte, uma obra de arte, uma obra

de arte, uma obra de arte, uma

obra de arte, uma obra de arte,

uma obra de arte, uma obra de

arte, uma obra de arte, uma obra

de arte, uma obra de arte, uma

obra de arte, uma obra de arte,

uma obra de arte, uma obra de

arte, uma obra de arte, uma obra

de arte, uma obra de arte, uma

obra de arte, uma obra de arte,

uma obra de arte, uma obra de

arte, uma obra de arte, uma obra

de arte, uma obra de arte, uma

obra de arte, uma obra de arte,

uma obra de arte, uma obra de

arte, uma obra de arte, uma obra

de arte, uma obra de arte, uma

obra de arte, uma obra de arte,

GRANDES ARMAZENS AFRICANOS

ALFAIATARIA E CAMISARIA

FARO & LOPES L. DA

Lanifícios, Pato feito, Camisaria, Gravata, etc.

Peçam amostras. Fatos sem prova. Vende-se
a metro e sem reserva de preço
todas as fazendas tanto para homem
como para senhora

VISITEM ESTA CASA

A casa que mais barato vende

Pato reclame artigo chic 35\$00

110, R. dos Fanqueiros, 112 e 114 s-l.

A' Rapaziada!!!
As valentes e péras!Botas pretas, para homem, n. 13475,
1325 e 13675.
Botas brancas, As Valentes, a
13475.
Botas pretas, duas solas, a
13675.
Sapatos, para senhora, a 11450,
14500, 15000 e 16000.
Grande variedade de calçado para
criança, e de luxo para senhora.
Para a frente é que é!!!
Venham ver os nossos preços!

DAMIÃO & C.

Especialidades em fatos, vestidos

e chapéus para crianças

57, Rua Garrett, 59

LISBOA

(285) TELEFONE 5940

Comp. Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima—Estatutos de 30 de

Novembro de 1894

ÉDITOS DE 30 DIAS

A contar da publicação do presente anúncio

correm editos de 30 dias para se habilitar

em comum com a Companhia dos Caminhos

de Ferro Portugueses os herdeiros do falecido

agente reformado, António Lais, chefe

de distrito que foi da Divisão de Via e

Obras, a pensar por ele legado como pensão

pós-morta da Companhia dos Caminhos de

Ferro Portugueses, nos termos do Regulamento

de 26 de Maio de 1887, concorrendo a divisão

de via e obras impungendo o pedido em requisição

da via Jacinta Pereira Dias e seus filhos: Francisco, Maria e Olinda.

Fim do prazo será tomada deliberação

em conformidade com as disposições do

Regulamento para os devidos efeitos.

Lisboa, 13/10/20.—O Chefe do Serviço de

Contabilidade Central.—(M. A. A. Bar-

queira.

A contar da publicação do presente anúncio

correm editos de 30 dias para se habilitar

em comum com a Companhia dos Caminhos

de Ferro Portugueses os herdeiros do falecido

agente reformado, António Dias, as-

sentador que foi do Div. de Via e Obras

a pensar por ele legado como pensão

pós-morta da Companhia dos Caminhos de

Ferro Portugueses, nos termos do Regulamento

de 26 de Maio de 1887, concorrendo a divisão

de via e obras impungendo o pedido em requisição

da via Jacinta Pereira Dias e seus filhos: Francisco, Maria e Olinda.

Fim do prazo será tomada deliberação

em conformidade com as disposições do

Regulamento para os devidos efeitos.

Lisboa, 13/10/20.—O Chefe do Serviço de

Contabilidade Central.—(M. A. A. Bar-

queira.

A contar da publicação do presente anúncio

correm editos de 30 dias para se habilitar

em comum com a Companhia dos Caminhos

de Ferro Portugueses os herdeiros do falecido

agente reformado, António Dias, as-

sentador que foi do Div. de Via e Obras

a pensar por ele legado como pensão

pós-morta da Companhia dos Caminhos de

Ferro Portugueses, nos termos do Regulamento

de 26 de Maio de 1887, concorrendo a divisão

de via e obras impungendo o pedido em requisição

da via Jacinta Pereira Dias e seus filhos: Francisco, Maria e Olinda.

Fim do prazo será tomada deliberação

em conformidade com as disposições do

Regulamento para os devidos efeitos.

Lisboa, 13/10/20.—O Chefe do Serviço de

Contabilidade Central.—(M. A. A. Bar-

queira.

A contar da publicação do presente anúncio

correm editos de 30 dias para se habilitar

em comum com a Companhia dos Caminhos

de Ferro Portugueses os herdeiros do falecido

agente reformado, António Dias, as-

sentador que foi do Div. de Via e Obras

a pensar por ele legado como pensão

pós-morta da Companhia dos Caminhos de

Ferro Portugueses, nos termos do Regulamento

de 26 de Maio de 1887, concorrendo a divisão

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelheiros

Grande sortimento em chapéus, lisos
e mechas em cores lindíssimas,
formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole,
novo modelo americano,
muito elegante,
só na Cooperativa

A SOCIAL

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: — Rua dos Poais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapéu modelo Jaurès (Exclusivo)

Obras de educação profissional, de sciencia, filosofia, sociologia, higiene e esperanto.
Brochuras e folhetos de propaganda sindicalista, anarquista e socialista.
Romances sociais, teatro livre, retratos, postais, hinos, canções revolucionárias, etc.

Serviço de livreria de A BATALHA

Os lucros realizados pelo
nosso serviço de livreria são
exclusivamente aplicados à pro-
paganda. Auxilia-se A BATA-
LHA, adquirindo, por interm-
dio da nossa administração,
os livros e mais publicações
de que se necessita.Organizam-se e fornecem-se
projectos e orçamentos de bi-
bliotecas populares, cooperati-
vistas, sindicais, etc.A administração de A Batalha, deseja
atribuir para o cultivo dos trabalha-
dores, a propagação de livros, e meios
instruções encorajando-se de for-
ta todos os livros que lhe sejam pedi-
dos e iniciando em breve a sua secçãoA leitura é um dos meios de educação

Oporto Oil Company

(EM ORGANIZAÇÃO)

S. A. R. L.

CAPITAL 10.000 contos, podendo ser elevado a 100.000

(Emissões em séries de 5.000)

Séde provisoria:
Rua de Belomonte, 73.
PORTO

End. telegrafico:
CARBURO
PORTO

REFERENCIAS:

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Nossos banqueiros e acionistas

Em vista do acolhimento que temos tido, resolvemos que o capital pudesse ser elevado a **100.000 contos**.

Importação e Exportação

Os lucros ficam no País.

Navios proprios.
Edifícios proprios.
Delegações no estrangeiro,
Agencias em todo o país, ilhas e colonias.

Importadores de Petroleo, Gazolina, Oleos Lubrificantes, Drogas e Produtos Quimicos, Ferro e todos os metais

Exportadores de todos os produtos continentais e coloniais.

Tendo chegado ao nosso conhecimento que, em varios pontos do país e especialmente em Lisboa, muitas pessoas desejam ainda fazer a sua inscrição, sendo-nos manifestado pelos nossos correspondentes a impossibilidade material de tempo para percorrerem a provincia nos curtos prazos que fixamos e não desejando esta Companhia que os interessados nas materias a explorar e aqueles que com simpatia veem a criação da nossa empresa como uma necessidade nacional, deixem de fazer parte da mesma como seus accionistas ou como seus futuros clientes, resolveu abrir a

Subscrição ao publico:

Sómente para 30.000 acções de 100\$00 cada uma

(Sujeito a rateio)

Os accionistas terão direito a dividendo por duas formas:

O 1.º na proporção das compras que tenham efectuado na Companhia.

O 2.º na proporção do capital que representarem como accionistas, ficando a estes garantido um dividendo nunca inferior a 6 0/0 ao ano.

A subscrição ao publico está aberta:

Hoje e dias seguintes

Com encerramento no proximo

Sabado, 31 do corrente

(Depois deste dia não tem lugar qualquer pedido de inscrição)

EM LISBOA:

Rua da Madalena, 48, 1.º Ex.º Sr. Alvaro Lavandeira,
Telef. C. 3995



Rua de S. Nicolau, 50 e 52 Ex.ºs Srs. Costa & Coelho, antiga firma
José da Costa & C.ª Suc. Telef. C. 3402

NO PORTO:

Rua Infante D. Henrique, 31, 1.º Ex.º Sr. Alberto Magalhães,
Telef. 949



Rua de Belomonte, 73 Séde provisoria da Oporto
Oil Company

Fórma de pagamento:

No acto da subscrição	25\$00
Em 16 de Agosto	25\$00
Em 15 de Setembro	50\$00
Total	100\$00

As pessoas da provincia que desejem subscrever-se, queiram ter a bondade de dirigir os seus pedidos pelo correio, directamente, á séde provisoria da OPORTO OIL COMPANY

RUA DE BELOMONTE, 73 - PORTO